

**O RETORNO DA
AUTORIA E UMA NOVA
CONSCIÊNCIA
DOCUMENTAL NO
FOTOJORNALISMO
CONTEMPORÂNEO**

THE RETURN OF AUTHORSHIP AND A
NEW DOCUMENTARY
CONSCIOUSNESS IN CONTEMPORARY
PHOTOJOURNALISM

EL REGRESO DE LA AUTORÍA Y UNA
NUEVA CONCIENCIA DOCUMENTAL
EN EL FOTOPERIODISMO
CONTEMPORÁNEO

Júlia Capovilla Luz Ramos^{1, 2}

RESUMO

Os fotojornalistas têm vivenciado mudanças na prática e na produção fotográfica desde a adesão das tecnologias digitais pelas empresas jornalísticas. O que para muitos profissionais da imagem representou uma crise sem precedentes, para outros se configura como a possibilidade de explorar temáticas e estéticas não comumente usadas nas coberturas diárias dos impressos. Neste sentido, os blogs de fotografia dos jornais de maior circulação do Brasil aparecem como lugares outros para publicação e circulação desse material imagético originalmente

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Mestra em Ciências da Comunicação e graduada em Jornalismo e publicidade e propoganda pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, (UNISINOS). Bolsista Capes/Prosup. E-mail: jcapovilla8@hotmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Rua das Gaivotas, 1773/104, CEP: 88058-500, Ingleses – Florianópolis, Brasil.

produzido para atender as demandas da produção noticiosa diária. Ao romperem com a suposta objetividade da fotografia, os fotojornalistas que contribuem com estes blogs apontam para a necessidade de incluir a poética em suas produções, provocando um movimento de "retorno da autoria" (FOUCAULT, 2001) e uma "nova consciência documental" (FONTCUBERTA, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: Blog de fotografia; Fotojornalismo; Autoria.

ABSTRACT

Photojournalists have experienced changes in the practice and photographic production since the adhesion of digital technologies by journalistic companies. What for many professionals of the image represented an unprecedented crisis, for others it is configured as the possibility to explore thematic and aesthetics not commonly used in the daily coverages of the printed matter. In this sense, blogs of photography of the newspapers of greater circulation of Brazil appear like other places for publication and circulation of imagery material originally produced to meet the demands of the daily news production. Photojournalists who contribute to these blogs point to the need to include poetics in their productions, provoking a "return of authorship" movement (FOUCAULT, 2001) and a "new documentary awareness" (FONTCUBERTA, 2007).

KEYWORDS: Photography blog; photojournalism; authorship.

RESUMEN

Los reporteros gráficos han experimentado cambios en la práctica y la producción fotográfica desde la llegada de las tecnologías digitales por las compañías de periódicos. Lo que para muchos profesionales de la imagen ha representado una crisis sin precedentes para el otro está configurado como una oportunidad de explorar temática y estética no se utiliza comúnmente en la cobertura diaria de impresión. En este sentido, los blogs de fotos de los principales periódicos de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

Brasil aparecen como otros lugares para la publicación y difusión de estas imágenes producidas originalmente para satisfacer las demandas de producción de noticias al día. Para romper con la supuesta objetividad de la fotografía, los reporteros gráficos que contribuyen con estos blogs apuntan a la necesidad de incluir la poética en su producción, provocando un movimiento de "regreso de la autoría" (FOUCAULT, 2001) y una "nueva conciencia documental" (FONTCUBERTA, 2007).

PALABRAS CLAVE: Blog de fotografía; fotoperiodismo; autoría.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 16.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

O apego à realidade na Ciência e no Jornalismo fez Schudson (2010: 143) declarar: “Nada, até agora, explica a paixão do século XX pela objetividade”. Se dermos um passo adiante do entendimento da fotografia como tradução fidedigna do mundo, veremos que a objetividade se estabeleceu não só como horizonte interpretativo no jornalismo a partir dos anos de 1920, mas como característica considerada ontológica à técnica fotográfica desde o seu advento. Neste sentido, o ato de objetivar obedeceria a um conjunto de regras sociais capazes de garantir a inteligibilidade do real e satisfazer os anseios das sociedades que as sustentam. Não por acaso, ao longo da história, o jornalismo adotou tal premissa na tentativa de eliminar o caráter subjetivo das notícias, isto é, a objetividade passou a ser encarada como um processo que deveria ser seguido à risca para se chegar a verdade dos fatos.

Medina (2008) desloca tal problemática até a atualidade: para ela, os jornalistas seguem objetivando os acontecimentos, na medida em que realizam um diagnóstico sobre o presente, tecendo afirmações e emoldurando-os em quadros de entendimento próprios. Segundo a autora, as marcas desta doutrina estariam presentes ainda hoje tanto nas rotinas produtivas do jornalismo quanto nos bancos das universidades.

Sobrevivente da matriz positivista ao qual se viu atrelada desde o início, no entanto, acreditamos que a fotografia na imprensa tem passado de espelho do real, de símbolo da era industrial e de documento, aos modos complexos de visibilidade principalmente a partir do advento digital, sendo uma das responsáveis, hoje, pelos novos repertórios imagéticos que circulam na sociedade. A chamada “crise do documento” ou “crise da representação”, neste sentido,



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

trouxe a reboque o questionamento do próprio estatuto da fotografia jornalística. Barreiras antigas como as que colocavam em lados opostos Arte e Informação, Analógico *versus* Digital, Fotógrafos profissionais contra Fotógrafos de ocasião³ parecem, finalmente, estarem sendo ultrapassadas.

André Rouillé (2009) vai chamar a atenção para as mudanças recentes percebidas nas práticas e nas produções, nos lugares e nos circuitos de difusão, bem como nas formas, nos valores, nos usos e nos autores a partir da ascensão da “fotografia-expressão”. Esse tipo de fotografia se contraporia à “fotografia-documento”, representante da era industrial e protótipo da imagem jornalística, ao reintegrar os princípios renegados pelo documento no processo fotográfico: a autonomia, a subjetividade e a alteridade. Incluímos nesta, a poética.

Michel Poivert (2015), por seu turno, vai definir a fotografia contemporânea como “experimental” e absolutamente ligada à arte. Em suas palavras, é “como se o adjetivo [*contemporâneo*] garantisse uma atualidade à fotografia” que, em outras épocas, “conheceu sua atualidade por meio da relação com a informação, ou ainda, com a ciência ou a indústria” (POIVERT, 2015: 136). Ao se posicionar em relação à arte, seja por oposição ou por aproximação, a fotografia, principalmente a partir da década de 1980, segundo Poivert (2015: 139), passa a trabalhar com a “abertura do dispositivo fotográfico, através de mil desregulações, a fim de obter resultados frequentemente inéditos”. Porém, o autor faz uma importante ressalva:

³ Termo utilizado por José Rebelo (2006), citando André Gunthert, para designar “o portador de telemóvel que encontramos no metrô de Londres, na praia do Pacífico, nas cidades assoladas pelo Katrina ou que tortura nas prisões iraquianas, é o *fotógrafo de ocasião* contemporâneo. (...) seu objetivo não se limita à família ou ao grupo dos mais chegados. Dirige-se ao universo tomado na sua globalidade. Em vez de preencher álbuns de família intervém no campo dos *mediã*” (REBELO, 2006: 23).



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

a fotografia contemporânea ou “experimental” não pode ser entendida como uma categoria, corrente ou movimento artístico, mas como “um fenômeno”, ou melhor, “um momento onde a flutuação de valores se encontra na sua amplitude máxima e sob vertentes diversas” (POIVERT, 2015: 141). O que a define, portanto, é a vontade de romper com as práticas normativas consolidadas e instituir um jogo com o visível como propulsor da criatividade. Mais uma vez, para Poivert (2015: 140) a fotografia atual está “a serviço de uma poética, por vezes crítica, por vezes onírica”, na qual “sonha com uma relação com o real construída sobre a subjetividade, arruinando toda uma tradição da imagem definida pela sua continuidade descritiva”.

Podemos aproximar, ainda, o pensamento de Poivert (2015) com o que Fontcuberta (1997: 144) chamou de “una nueva consciência documental” na fotografia. Ou seja, uma consciência que não abandona a matriz documental, mas se mostra capaz, não obstante, de liberar-se da normativa deontológica que vem definindo os sucessivos modelos documentalistas, cuja característica principal sempre foi o apego ao realismo. Tampouco, conforme destacam os autores (POIVERT, 2015; FONTCUBERTA, 1997) se trata de reduzir a fotografia jornalística ou documental a um “estilo” ou a uma simples “estética da objetividade”. O intuito é apontar para o fenômeno da fotografia jornalística que, ao flertar com a arte, tenta superar um *modus operandi* historicamente marcado como objetivo.

Neste sentido, as ideais dos autores vão ao encontro das nossas na medida em que atribuem à fotografia jornalística o papel de construtora da ponte entre arte e informação. É objetivo deste artigo, portanto, refletir sobre algumas produções imagéticas presente nos blogs de fotografia dos jornais de maior

circulação do Brasil justamente por funcionarem como uma via alternativa da produção noticiosa, cujo foco estaria na plasticidade da composição, deslocando para um segundo plano a informação do *aqui e agora*, mesmo que muitas delas tenham sido produzidas originalmente para serem publicadas na versão impressa dos jornais, historicamente marcadas pelos controles internos de objetividade e imparcialidade.

Parece oportuno, ainda, delimitar quais são os blogs de fotografia que constituem nosso *corpus* para que seja possível, finalmente, refletir sobre essas plataformas como espaços outros de criação e circulação da produção fotojornalística, cuja característica mais significativa parece ser a vontade de incluir mais poesia e autonomia nas produções. Isto não significa que queiramos marcar uma suposta oposição entre a pretensa objetividade da fotografia jornalística e a sua recente “desconstrução” pelas tecnologias de produção e circulação das imagens digitais. Esta separação, ou superação, sequer existe, uma vez que as mudanças no campo fotojornalístico também dependem da conservação de modelos anteriores. O que desejamos destacar, mais uma vez, é o amadurecimento do que que Fontcuberta (1997: 144) chamou de “una nueva consciència documental” e um retorno da autoria.

Deve-se levar em conta, contudo, que a autoria jornalística não é uma questão plenamente resolvida. Em nosso entendimento há, pelo menos, dois níveis de autoria operando no Jornalismo: um individual, que aponta ou nomeia o criador primeiro do texto/imagem; e outro coletivo, que torna a obra homogênea e de acordo com a linha editorial do produto jornalístico para o qual foi produzido. Este segundo processo envolve inúmeros profissionais, cada qual com seus



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

entendimentos sobre a natureza da informação e o caráter que devem adquirir para se chegar ao padrão estabelecido pelo veículo/empresa jornalística. Portanto, quando falamos em retorno da autoria, é porque buscaremos, através deste termo, problematizar o próprio conceito de autor no fotojornalismo.

A delimitação do *corpus* e a beleza do cotidiano

Em novembro de 2012, eram cinco, dos 10 jornais de maior circulação no Brasil, que possuíam blogs de fotografia, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC)⁴: o *FotoGlobo*, do jornal carioca *O Globo*; o *Olhar sobre o Mundo*, do diário paulista *O Estado de São Paulo*; o *FocoBlog*, do periódico rio-grandense *Zero Hora*; o *Diário da Foto*, do *Diário Gaúcho*; e o *FotoCorreio*, do *Correio do Povo*, ambos do Rio Grande do Sul (Quadro 1).

QUADRO 1: Jornais impressos de maior circulação diária do Brasil (2015) e seus blogs de fotografia⁵

Jornal	Estado	Circulação*	Blog de fotografia	Endereço web
Super Notícia	MG	220.971		
O Globo	RJ	183.404	FotoGlobo	http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/

⁴Como em todo o recorte metodológico, o recurso ao IVC delimitou o universo a ser pesquisado, mas garantiu dados credíveis e de fácil acesso e consulta ao desenvolvimento da tese. Tais critérios possibilitaram a seleção de blogs fotojornalísticos produzidos por empresas de comunicação de grande porte reconhecidas nacionalmente, deixando de fora da pesquisa possíveis plataformas de jornais impressos com menor circulação.

⁵Foram excluídas do rol da pesquisa *tumblr*s ou galerias de foto por priorizarem a publicação de *slideshow*s acompanhados de pequenas legendas.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

Folha de SP	SP	175.441		
Estadão	SP	149.241	Olhar sobre o Mundo	http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/
Zero Hora	RS	144.191	FocoBlog	http://wp.clicrbs.com.br/focoblog
Diário Gaúcho	RS	140.148	Diário da Foto	http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto
Daqui	GO	124.603		
Extra	RJ	115.931		
Correio do Povo	RS	97.848	FotoCorreio	www.correiodopovo.com.br/blogs/fotocorreio
Meia Hora	RJ	85.116	-	-

*Dados referentes à circulação média diária dos jornais impressos pagos de jan. a dez. de 2015.
FONTE - Elaborado pela autora com dados do site da Associação Nacional de Jornais (2016).

O *Fotoglobo*, do jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, porém, anunciou sua "saída" da blogosfera no dia 30 de abril de 2013. Apesar de o endereço eletrônico manter-se ativo, o blog de fotografia *Olhar sobre o Mundo*, do jornal *O Estado de São Paulo*, também teve sua última publicação em 25 de janeiro de 2014. Em março de 2015, mais uma baixa: o blog *Diário da foto*, do jornal *Diário Gaúcho* deixou de ser atualizado. Somente dois blogs se mantêm efetivamente ativos até o momento: *FocoBlog* (*Zero Hora*) e *FotoCorreio* (*Correio do Povo*).

Mesmo que a maioria deles não exista mais, o material disponível para consulta ainda se mostra profícuo para pensar a poética visual e a autoria, uma vez que revela relações complexas entre os modos de produção jornalístico e as novas potencialidades audiovisuais. Além disso, os motivos pelos quais tais blogs têm encerrado suas atividades parecem girar em torno, principalmente, de razões econômicas e tecnológicas. A primeira diz respeito à redução do quadro das empresas de comunicação, deslocando os fotógrafos para outras atividades afins

(como filmar e editar vídeos) e, com o acúmulo de funções, os fotógrafos acabaram deixando de abastecer os blogs. Já os avanços tecnológicos decretam o fim de plataformas que poderiam ser melhor exploradas, na medida em que novos recursos surgem todos os dias e o desejo de superar uma possível defasagem leve a crer que a fórmula dos blogs pareça esgotada.

Numa primeira aproximação é possível perceber que, em geral, esses blogs possibilitam maior velocidade de produção e difusão de conteúdo. Neles, o material fotográfico não está totalmente atrelado aos critérios de noticiabilidade explorados pelos jornais diários e sua temporalidade não é fixa. No que se refere aos blogs que estamos analisando isto demonstra a existência de espaços de liberdade para a criação fotojornalística, mesmo que os fotojornalistas ainda esperem o material sair no jornal para depois publicá-lo nos blogs, isto é, não “furam” o impresso. Neste sentido, o espaço dos blogs funcionaria, aos olhos dos fotojornalistas que compõem o quadro das redações, como espécies de utopias possíveis, ou na acepção foucaultiana do termo, “heterotopias” (FOUCAULT, 2005)⁶: contra-sítios capazes de tornar possíveis os encontros e promover ações concretas, garantindo liberdades criativas e temporalidades estendidas. Ou seja,

espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugar está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição

⁶O texto original foi escrito na Tunísia e data de março de 1967. Foi apresentado por Foucault no *Cercle d'Études Architecturales* com o título *Des espaces autres*. A primeira publicação foi autorizada pelo autor somente em outubro de 1984 na revista *Architecture, Mouvement, Continuité*, número 5, p. 46-49. A versão do texto que estamos utilizando encontra-se no livro *Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*, 2001 (vide Referências).

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros que eles refletem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, de *heterotopias* (FOUCAULT, 2005, p. 246)

No que tange ao entendimento do tópico foucaultiano é preciso, porém, salientar que ele não rompe radicalmente com os espaços concretos, mesmo desejando subverter a ordem estabelecida; ele dá a ver versões idealizadas desses espaços num mundo virtual que inquieta e desafia. Assim sendo, os blogs de fotografia se diferenciam dos demais espaços destinados a produção e publicação da fotografia jornalística diária por não estarem subordinados aos discursos hegemônicos (no caso do fotojornalismo, aos princípios de objetividade e realismo), embora não rompam totalmente com eles.

Justamente em contraposição à postura hegemônica que alguns fotógrafos têm aproveitado a elasticidade do espaço e do tempo do blog para mostrar diferentes aspectos do acontecimento noticiado ou explorar linguagens e temáticas que não são comumente publicadas nas páginas dos jornais impressos. No dia 25 de abril de 2013, por exemplo, o fotógrafo Júlio Cordeiro publicou no *FocoBlog* um “ensaio fora da pauta” realizado enquanto esperava “o *case* da reportagem” (Figura 1). As imagens que acompanham o texto revelam um olhar atento às formas e a composição plástica, marcando bem a abordagem não-informativa da série. Dificilmente, tais fotografias seriam publicadas no jornal impresso, não somente por se afastarem do tema da pauta, mas, sobretudo, pela ausência ou pouca participação de elementos humanos em ação nas cenas.

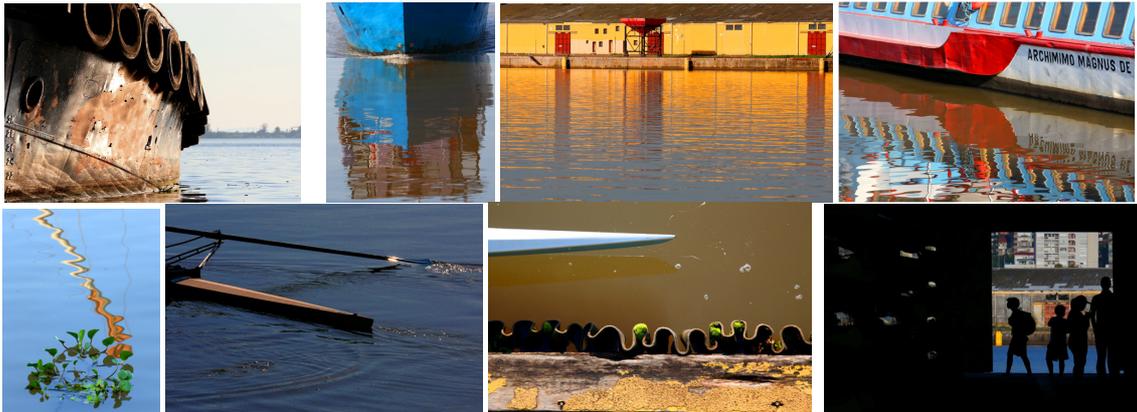
FIGURA 1: Post “Ócio Criativo”

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>



Fonte: *FocoBlog* – 25/04/2013 (Crédito das fotos: Júlio Cordeiro)
<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2013/04/25/ocio-criativo-2/?topo=13,1,1,,13>

Tal recurso também está presente no blog *FotoCorreio*, onde a fotógrafa Alina Souza direciona suas lentes para os detalhes do prédio histórico onde funciona a redação do jornal *Correio do Povo* (Figura 2). O texto que acompanha o ensaio fotográfico é bem sugestivo quanto ao caráter poético das imagens, uma vez que abusa dos *closes* e do contorno dos objetos: “A história não está somente nas linhas que lemos, mas também nos detalhes que nos circulam. Nas imagens que nos aprofundam. Nos recortes, nas escadas, portas e janelas dentro de nós mesmos” (Trecho de Postagem *FotoCorreio*, 01/10/2015).

FIGURA 2: Ensaio “Correio do Povo em Detalhes”



Fonte: *FotoCorreio* – 01/10/2015 (Crédito das fotos: Alina Souza)
<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/fotocorreio/?p=6556>

Mesmo caso pode ser observado na imagem realizada pelo fotógrafo Ricardo Duarte, que integra o quadro de repórteres da *Zero Hora*. Em meio à cobertura futebolística, ele aproveitou a elasticidade do espaço e do tempo proporcionada pela plataforma para explorar linguagens e mostrar outro aspecto do acontecimento (Figura 3). No dia 08 de julho de 2015, portanto, “o fotógrafo Ricardo Duarte deixou um pouco de lado o jogo Chapecoense x Grêmio e fez esse

belo retrato (que mais parece uma pintura) da torcida" (Trecho da Postagem *FocoBlog*).

FIGURA 3: Post "Olhar Fora das Quatro Linhas"



Fonte: *FocoBlog* – 08/07/2015 (Crédito das fotos: Ricardo Duarte)
<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2015/07/08/olhar-fora-das-quatro-linhas/?topo=13,1,1,,13>

O recurso do movimento não é nenhuma novidade no fotojornalismo. Ele é utilizado de forma recorrente quando se quer dar a ideia de velocidade, sendo que, para tanto, o fotógrafo deve usar velocidades lentas de obturação. Porém sua utilização, nos casos abaixo, demonstra que a escolha foi motivada muito mais pelo caráter estético que pela precisão informacional (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Post "Surreal"



Fonte: *FocoBlog* – 20/01/2009 (Crédito das fotos: Alexandre Schneider)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=§ion=Blog&tipo=1&coldir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=20&final_day=20&month=1&year=2009

FIGURA 5: Ensaio "Movimento"



Fonte: *FocoBlog* – 02/12/2009 (Crédito das fotos: Jefferson Botega)
<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2009/12/02/movimento/?topo=13,1,1,,,13>

Um exaustivo ensaio fotográfico sobre as janelas paulistanas realizado pelo fotojornalista do *Estadão*, Hélvio Romero, foi publicado em dois tempos no blog *Olhar sobre o Mundo*: a primeira em 22 de fevereiro de 2010 e a segunda em 25 de janeiro de 2011 (Figura 6). A escolha foi, evidentemente, pautada pela singularidade da temática e pelas possibilidades infinitas de composição. Dos contrastes às formas, das texturas às cores, da imagem ao texto que a acompanha, tudo parece querer alcançar a poesia. Conforme escreveu o editor do blog, Nilton Fukuda, “uma viagem poética pelas fachadas da cidade. Janelas por onde São Paulo é vista. Janelas por onde olhamos São Paulo”.

FIGURA 6: Post “Janelas Paulistanas II”





Fonte: *Olhar sobre o Mundo* – 25/01/2011 (Crédito das fotos: Hélvio Romero)
<http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/janelas-paulistanas-ii/>

Há, ainda, postagens que realizam a comunhão de imagens poéticas com versos de nomes consagrados na literatura lusófona, como Clarice Lispector, Fernando Pessoa e Bartolomeu Correia de Melo. É o caso de três publicações do *Focoblog* realizadas nos dias 15 e 25 de fevereiro de 2009 e em 29 de abril de 2009, respectivamente (Figura 7, 8 e 9). Em tal contexto, as palavras funcionam como uma extensão da poesia que se inicia na imagem, ao mesmo tempo em que a plasticidade confere sentido ao texto. São exemplos do que Muñoz (2015: 81) chamou de “coherencia” na difícil arte de combinar “palabra e imagen como obra íntegra”. No que se refere à poesia visual, não existe um conceito fechado ou, conforme Munõz (2015: 168) “hay principios pero no fórmulas”. Sua função seria basicamente abolir as diferenças entre os gêneros artísticos (literatura, fotografia, teatro, música, dança, pintura, escultura e outros), onde os elementos visuais assumiriam o protagonismo da obra. Não por acaso, Muñoz (2015) mais uma vez nos serve de base, ao abrir seu livro sobre poética fotográfica com a seguinte

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

citação de José Angela Valente (1957, apud MUÑOZ, 2015: 10): “La poesia aparece así, de modo primário, como revelación de un aspecto de la realidad para cual no hay más vía de acceso que el conocimiento poético”.

FIGURA 7: Post “Solidão Amiga do Peito”



*Que minha solidão me sirva de companhia,
que eu tenha coragem de me enfrentar,
que eu saiba ficar com o nada
e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo.*
Clarice Lispector

Fonte: *FocoBlog* – 15/02/2009 (Crédito da foto: Jefferson Botega)
http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=&seccion=Blog&tipo=1&colDir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=15&final_day=15&month=2&year=2009

FIGURA 8: Post “Invejo a Sorte que é Tua”



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

*Gato que brincas na rua como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua, porque nem sorte se chama
Bom servo das leis fatais que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais e sentes só o que sentes.
És feliz porque é assim, todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim, conheço-me e não sou eu.*
Fernando Pessoa

Fonte: *FocoBlog* – 25/02/2009 (Crédito da foto: Jefferson Botega)
http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=§ion=Blog&tipo=1&coldir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=25&final_day=25&month=2&year=2009

FIGURA 9: Post “Felino”



*Para quem, nos felinos aprecia,
A beleza, o carinho e o fino trato,
Um simples gato pode ser poesia.*
Bartolomeu Correia de Melo

Fonte: *FocoBlog* – 29/04/2009 (Crédito da foto: Diego Vara)
http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=§ion=Blog&tipo=1&coldir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=29&final_day=29&month=4&year=2009

Embora os exemplos acima tenham sido realizados, em sua maioria, fora do circuito produtivo do jornalístico impresso, os trabalhos que seguem são representativos, justamente, por evidenciarem a operação oposta: foram produzidos dentro dos processos considerados de rotina na prática da fotografia jornalística profissional. Neste sentido, a pauta foi o gatilho das ações e do

enfoque/abordagem dos acontecimentos. Tida como um roteiro primeiro para a produção das notícias, Henn (1996) chama a atenção, porém, para o fato das pautas serem, antes de tudo, “projetos”, cujas as possibilidades e caminhos são múltiplos. Isto é, no que concerne às rotinas jornalísticas, “a pauta pode conduzir a notícia para situações ocultas, trazendo à tona aspectos novos da realidade cotidiana” (HENN, 1996: 17).

Em pautas consideradas “corriqueiras” como, por exemplo, as que tratam sobre “tempo”, “esportes” ou “buracos de rua”, encontramos produções de apelo essencialmente poético, cuja plasticidade nos leva a pausa e a contemplação. Um conjunto imagético que rompe radicalmente com os princípios do “flagrante” ou do “choque”, comumente solicitados e utilizados pela imprensa tradicional, conforme é possível observar abaixo (Figuras 10 a 13).

FIGURA 10: Post “Tempo Fechado”



Fonte: *FocoBlog* – 24/01/2009 - (Crédito da foto: Daniel Marenco)

http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=&seccion=Blog&tipo=1&colidir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=24&final_day=24&month=1&year=2009

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

FIGURA 11: Post "Outono"



Fonte: *FocoBlog* – 19/03/2009 - (Crédito da foto: Jefferson Botega)
http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&tp=§ion=Blog&tipo=1&coldir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=19&final_day=19&month=3&year=2009

FIGURA 12: Post "No Detalhe"



Fonte: *FocoBlog* – 22/03/2015 - (Crédito da foto: Mateus Bruxel)
<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog/2015/03/22/no-detalhe/?topo=13,1,1,,,13>

FIGURA 13: Post “Saber Olhar Faz Diferença”



Fonte: *FocoBlog* – 21/05/2009 - (Crédito da foto: Andréa Graiz)

http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer.getBlog&pg=1&tp=§ion=Blog&tipo=1&coldir=1&blog=608&template=3948.dwt&cal_param=byday&initial_day=21&final_day=21&month=5&year=2009

No que tange às postagens apresentadas, é possível inferir que elas operam numa linha de fuga⁷ dentro do fotojornalismo, já que contemplam o que podemos chamar de poética fotográfica. Os blogs de fotografia onde este material está publicado, por sua vez, também operam numa linha de fuga já que se afastam do modelo jornalístico impresso, principalmente, porque não necessitam seguir os princípios de objetividade e realismo que ainda regem o fazer fotográfico nesses espaços, embora não rompam totalmente com eles. Neste sentido, os blogs de fotografia colocam em xeque os tradicionais modelos da fotografia jornalística ao

⁷ Deleuze e Guattari (1995) irão trabalhar na obra *Mil Platôs* o conceito de “Rizoma” tomando-o emprestado da botânica. Rizoma é uma raiz que possui crescimento polimorfo e horizontal, não apresentando uma direção clara e definida. As linhas de fuga, por sua vez, são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE & GUATTARI, *Mil Platôs I*, 1995).



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p349>

possibilitarem a emergência do “fotógrafo-autor”, cujo trabalho consistiria em desviar as imagens “dessa espécie de instrumentalização a que ela docemente se presta, dando-lhe como que um rosto, uma marca distintiva (...) que permite uma outra esfera de reconhecimento do autor como da própria fotografia” (ALMEIDA, 2014: 48).

O repórter fotográfico Bruno Alencastro (2015)⁸ endossa a reflexão acima quando diz que, mais que apresentar imagens “fáceis e objetivas”, os fotojornalistas que contribuem com estes blogs estão interessados em realizar trabalhos “subjetivos” e “conceituais”. Ainda em suas palavras, o intuito é “mostrar que o desafio da fotografia na atualidade está em atrair a atenção das pessoas (...). Para isso, ela precisa ser interessante, provocativa, interpretativa”. Podemos considerar tal movimento como um “retorno da autoria”, entendendo o retorno como “momento decisivo na transformação de um campo discursivo” (FOUCAULT, 2001: 265). Ou seja, a obra é marcada por uma ruptura aparente com o regime discursivo anterior (no caso, o fotojornalismo), e aponta para um novo posicionamento do autor dentro desse sistema jornalístico: o repórter fotográfico passa de simples operador primeiro do *opus* para o responsável único e absoluto do que foi dito, escrito ou registrado.

Modos de subjetivação e o retorno da autoria

Quando as marcas da autoria em uma fotografia passam por processos de manipulação em proveito das formas próprias do discurso jornalístico objetivo, há

⁸ Entrevista concedida à autora em maio de 2015.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

o que Foucault chamou de “apagamento do autor”. Tal processo engloba qualquer ato de ajuste, recorte ou escolha do material original feita por terceiros. Para que haja o retorno da autoria, no entanto, a palavra “autor” deve apontar para não só para um nome próprio, mas transformá-lo em algo consagrado, em uma categoria de reconhecimento. Neste sentido, a autorialidade possui uma função precisa no interior de um sistema e se caracteriza, antes de mais nada, como um certo modo de ser *no* e *do* discurso. Nas palavras de Foucault (2001: 274),

o fato de ter um nome de autor, o fato de que se possa dizer ‘isto foi escrito por tal pessoa’, ou ‘tal pessoa é o autor disso’, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, tecer um certo status.

Porém, segundo Foucault (2001: 277), para manter o *status* e para que se possa atribuir diferentes produções a um único nome, o autor deve obedecer a quatro critérios identificados desde a exegese cristã por São Jerônimo:

- 1) atingir níveis constantes de valor, isto é, sua obra deve manter um padrão;
- 2) possuir coerência conceitual ou teórica;
- 3) optar por uma unidade estilística e ser reconhecido por isso;
- 4) servir de referência a um movimento ou momento histórico.

O que caracteriza o retorno da autoria nas fotografias presentes nos blogs seria, justamente, essa espécie de costura invisível da obra com o autor capaz de o descolar de um discurso jornalístico e o aproximar ao da arte, possibilitada sobretudo pela inexistência de mediadores na escolha e publicação do material imagético que vai para a plataforma.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

Se o oposto da objetividade é a subjetividade, a imaginação passa a ser o campo de ação por excelência dos sujeitos fotógrafos na tentativa de objetivar o mundo. Para Flusser (2007: 163), “a imaginação (*Einbildungskraft*) é a singular capacidade de distanciamento do mundo dos objetos e de recuo para a subjetividade própria; é a capacidade de se tornar sujeito de um mundo objetivo. Esse gesto começa com um movimento de abstração”. Já para Muñoz (2015: 163) “la realidad dejó de ser un espacio que debía documentar para percibilo como un lugar que remitiese a lo imaginado”. Neste sentido, em ambos os autores, a expansão do trabalho jornalístico estaria atrelada à imaginação do próprio fotógrafo e ao retorno da autoria, afastando-se do que se espera do profissional da imagem enquanto sujeito pautado e marcado pelos controles jornalísticos. “Entre ele e o mundo objetivo abriu-se um abismo” (FLUSSER, 2007: 163).

Libertos no espaço outro dos blogs, portanto, os fotojornalistas experimentam temáticas e texturas, num gesto de negação perante a objetividade dos fatos, o que parece ser o caminho encontrado para a superação de uma suposta “crise da representação”. Ainda segundo Flusser (2007), a principal contribuição do gesto de abstração é servir de modelo para ações futuras. Essa emergente produção fotojornalística está, neste sentido, ligada ao entendimento do presente não mais como uma sucessão de fatos objetivos, mas como fenômenos; não mais como coisas dadas, mas como devires; não mais como realidades, mas como poesias. “Agora que não esbarramos mais numa árvore após a outra podemos ver a floresta” (FLUSSER, 2007: 163)

Podemos concluir que os blogs de fotografia dos jornais de maior circulação do Brasil são, portanto, conforme já sublinhamos anteriormente, espaços outros

para a publicação do material fotográfico, principalmente por engendramos dinâmicas profissionais e estéticas marcadamente distintas, mesmo que, concomitantemente, muitas das fotografias publicadas nesses espaços sejam oriundas da cobertura realizada para os jornais aos quais estão ligados. Soma-se a isso o fato de, ao inventariar o mundo, os repórteres fotográficos, ancorados durante anos na vertente documental da fotografia jornalística, parecem ter esgotado seus repertórios, saindo em busca de algo novo.

Finalmente, o “novo” aparece como uma volta à subjetivação do olhar ensimesmado do fotógrafo, como um devir, cuja capacidade de trabalhar a beleza do cotidiano aponta para a derradeira transformação dos modos de objetivação dos fatos, ainda que em ambientes consagrados recentemente pelo jornalismo, como os blogs. Nas palavras de Muñoz (2015: 54),

Se disuelve así la asociación de la fotografía como espejo de la realidad – proclamada desde su origen – para convertirse en un reflejo del fotógrafo, hecho que motivará una nueva asociación creativa con la realidad, además de la consideración de que el fotógrafo se ha liberado de captar sólo una realidad visible. Lo que se encuentra delante de la cámara es una realidad relegada a su intención de transmitir una verdad, derivación necesaria para su reconocimiento como arte.

Ao fim e ao cabo, a fotografia jornalística tem tentado, de forma sorrateira, a se esgueirar pelas frestas, ampliar o campo documental por meio da poesia, conjugando uma nova consciência documental e provocando um retorno da autoria. Assim, a realidade passa a ser entendida não como um a priori ou um fim, mas como um meio pelo qual o fotógrafo se expressa: outras formas de ver e ser do fotojornalismo e dos fotojornalistas no mundo.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

Referências

ALMEIDA, Bernardo Pinto de. **Imagem da Fotografia**. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Os Maiores Jornais do Brasil de Circulação Paga**, por Ano. Disponível em: < <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornaisdo-brasil/>>. Acesso em: 16 junho 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIÁRIO DA FOTO. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/diariodafoto>>. Acesso em: 24 novembro 2015.

FOCOBLOG. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/focoblog>>. Acesso em: 24 novembro 2015.

FONTCUBERTA, Joan. **El beso de Judas: fotografia y verdade**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.

FOTOCORREIO. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/fotocorreio/>. Acesso em: 24 novembro 2015.

FOTOGLOBO. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/fotoglobo/>>. Acesso em: 12 junho 2013.

FOUCAULT, Michel. Espaços Outros. In: MIRANDA, José A. Bragança de.; COELHO, Eduardo Prado (Orgs.). **Revista de Comunicação e Linguagens** - Dossiê Espaços. Universidade Nova de Lisboa: Relógio D'água Editores. Junho 2005, p. 109-141.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ditos e Escritos III - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. 2001, p. 264-298.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

FLUSSER, Vilém. **O mundo Codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ivcbrasil.org.br/>>. Acesso em: 16 junho 2016.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MUÑOZ, Llorenç Raich. **Poética Fotográfica**. 2.ed. Madrid: Casimiro, 2015.

HENN, Ronaldo Cesar. **A Pauta e a Notícia**: uma abordagem semiótica. Canoas: Ulbra, 1996.

POIVERT, Michel. **A fotografia contemporânea tem uma história?**. Palíndromo, Florianópolis (SC), Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), v. 7, n. 13, p.134-142, jan./jul.2015.

REBELO, José. Prolegómenos à Narrativa Mediática do Acontecimento. In: Trajectos – Revista de Comunicação, cultura e Educação. n.8-9. primavera-outono de 2006. p. 18-27.

ROUILLÉ, André. **A Fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a Notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

PARA CADASTRO DE AUTORES:

Nome: Júlia Capovilla Luz Ramos

Titulação: Doutoranada em Ciências da Comunicação (Unisinos)

Instituição de origem: Universidade do Vale do rio dos Sinos – Unisinos

Resumo da Biografia:



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p349>

Publicitária e Jornalista. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (Unisinos) – Bolsista Capes. Integrante do GPJor – Grupo de Estudos em Jornalismo (Unisinos). Email: jcapovilla8@hotmail.com

Endereço de contato:

Rua das Gaivotas, 1773/104

88058-500

Ingleses - Florianópolis

Telefone: (48) 99901-4096